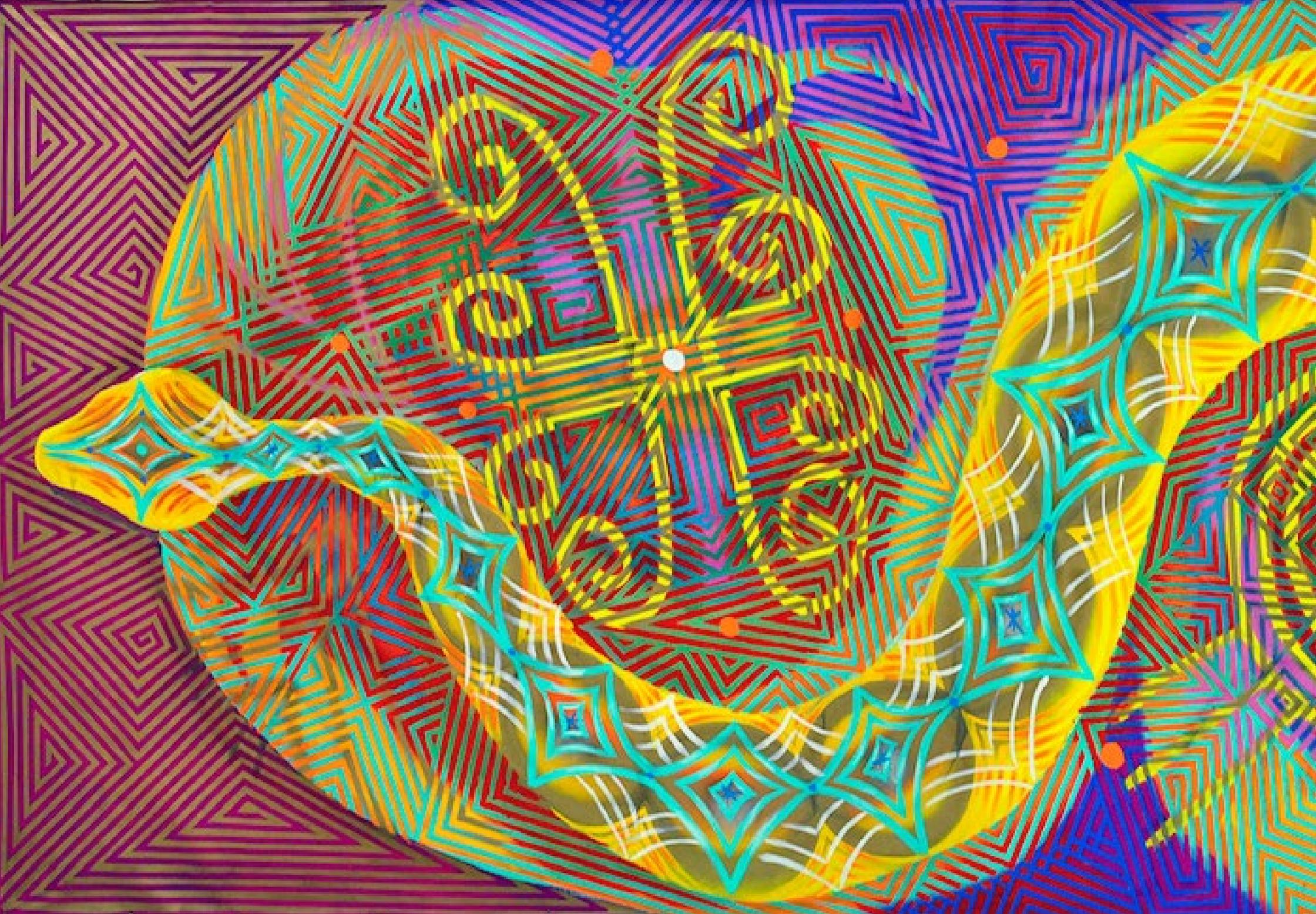


Ministério do Turismo e Banco do Brasil apresentam
BB DTVM apresenta e patrocina

Brasilidade Pós Modernismo

PARA SABER MAIS / DIGITAL / OUTUBRO DE 2021

CCBB EDUCATIVO – ARTE & EDUCAÇÃO / JACA.CENTER



*Qual seria a
identidade
brasileira
hoje?*

*Seria possível
pensar em
apenas uma?*

Este convite à ativação é também um convite a um estado de coletividade. Apresenta e propõe ações a partir de trabalhos criados por diversos artistas da exposição 'Brasilidade Pós Modernismo – Arte Contemporânea Brasileira pós Semana de 1922'. E a mostra, segundo a curadora Tereza de Arruda, reúne nomes importantes da arte contemporânea brasileira cuja existência “deve-se ao legado da ousadia artística e cultural almejada e idealizada na Semana de Arte de 1922”.

Realizada em São Paulo há aproximadamente 100 anos, a Semana de Arte Moderna – ou simplesmente 'Semana de 22' – foi uma importante iniciativa coletiva e pública de artistas, músicos e escritores que almejavam a renovação da linguagem artística brasileira.

Neste material, vamos perceber como essa é uma discussão cuja urgência se anunciava antes mesmo daquela data – e também compreender como a mesma discussão permanece viva ainda hoje.

Palavras- conceitos

Ao longo deste convite, questões relacionadas ao cotidiano, ao território, à ancestralidade, à poesia, à identidade e à cosmogonia são destacadas por nós e exploradas em seus diversos significados. Vamos mergulhar na potência destas ‘palavras-conceitos’ como campos de investigação artística, criando, a partir delas, conexões com os trabalhos de seis artistas presentes na exposição: Maxwell Alexandre (RJ), Paulo Nazareth (MG), Rosana Paulino (SP), Arnaldo Antunes (SP), Gê Viana (MA), e Daiara Tukano (DF).

Cada palavra-conceito se conecta também a uma tática de coletividade, mostrando como, ao longo do último século, artistas se unem ou se uniram para potencializar seus processos de criação. Partindo dos mesmos desejos e urgências, essas criadoras e criadores buscaram, a partir de ações coletivas, difundir suas ideias e ideais, tanto em seus trabalhos quanto na vida cotidiana.

A exposição nos instiga a refletir não só sobre as formas, as cores e a estética, mas principalmente sobre temas do presente. Neste caminho de diálogo e reflexão, convidamos você a perceber a realidade a partir da poética, das emoções, das críticas e dos desejos revelados pelas obras de diversos artistas brasileiros que seguem em atividade até os dias de hoje, gerando provocações e estranhamentos tão potentes e transformadores quanto os vividos em 1922.

Guia de Leitura

Palavra-conceito

Seis palavras organizam este material. Cada uma delas é identificada por uma cor específica na barra inferior das páginas do convite. Essas palavras nos ajudam a traçar diferentes caminhos dentro da mostra e potencializam, pela riqueza de seus sentidos, distintos modos de perceber, investigar e praticar a arte contemporânea.

Mediação da palavra

Para cada palavra conceito, recortamos alguns significados compartilhados aqui. Esses significados são pontos de partida para as múltiplas relações e leituras que podem ser elaboradas em diálogo com as obras e os artistas que integram a exposição.

Obra em destaque

Seis obras de seis artistas presentes na exposição foram escolhidas para dialogar com as palavras-conceito.

Mediação da obra

Este é um convite para olharmos juntos algumas obras escolhidas dentro do acervo da exposição.

Proposta de ativação

Partindo de proposições relacionadas a diferentes linguagens artísticas, essas fichas nos convidam a praticar ideias e conceitos apresentados neste material.

Tática de coletividade

Lembrar da Semana de 22 nos motivou a pensar sobre quantas mudanças e transformações são provocadas quando criamos coisas juntos com outras pessoas. Inspirados por esse acontecimento histórico, escolhemos seis práticas coletivas que nos convocam a fazer juntos, seja produzindo arte ou buscando soluções para problemas da vida cotidiana.

co • ti

di •

Os comportamentos que repetimos em nosso dia a dia, como caminhar, falar, ler, se vestir, fazer compras, preparar refeições, brincar, dentre muitos outros, compõem o nosso cotidiano. Além desses comportamentos, também são cotidianos alguns acontecimentos, como o nascer do sol, e certos objetos muito comuns, como panelas e travesseiros. É a partir de elementos do cotidiano que podemos conhecer a cultura de um lugar.

a • no



Sem título (untitled), 2020

lavatório de plástico e assento coberto com canvas pintado em látex à mão com padrões de piscina Capri

Uma comunidade compartilha uma série de hábitos e costumes, traduzidos na fala, no vestuário, nos modos de agir e pensar. Nesta obra, o artista recortou do próprio cotidiano um objeto com o qual muitas pessoas de sua comunidade partilham experiências: um lavatório de salão de beleza. Interessado no significado social desse objeto, Maxwell faz referência a um hábito bastante comum nas favelas cariocas, onde muitos jovens costumam descolorir seus cabelos em momentos de descontração e liberdade.. A esse respeito, também podemos notar a estampa do estofado do lavatório, que faz referência a piscinas de plástico geralmente usadas para brincar e se refrescar do calor. Nessa obra, o ato coletivo de descolorir o cabelo vem como símbolo do direito ao lazer – e ambos podem ser entendidos como manifestações de valorização e resistência cultural dessas comunidades.

Maxwell Alexandre (1990)

[@maxwell_alexandre](#)

Nascido no Rio de Janeiro, este jovem artista vive e trabalha no bairro da Rocinha. Depois de se formar como designer em 2016, Maxwell rapidamente passou a se destacar como um dos novos expoentes da arte contemporânea brasileira, tratando suas obras como orações e seu ateliê como um templo.

Seus trabalhos ressaltam elementos e tradições da cultura popular do nosso país e se oferecem como símbolos de resistência e estética da identidade periférica.

Que hábitos e costumes compartilhamos?

Introdução

Olhando em volta, podemos identificar em nossa própria casa diversos objetos e mercadorias que possuem usos e funções variadas relacionadas ao nosso dia a dia.

01

Eleja dois ou mais objetos que transpareçam “potência criativa” e se relacionem com seus hábitos e cotidiano.

02

Pense nos sentidos de cada objeto separadamente e também nos sentidos que eles podem produzir juntos.

03

Imagine como eles poderiam se tornar um outro objeto, ter outra função ou mesmo não ter função alguma.

04

Experimente fazer, com esses objetos, algo totalmente diferente, que pode servir para algo além da imaginação. Você também pode modificar um objeto juntando outros materiais, empilhando, amarrando ou colocando tudo lado a lado em um suporte.

05

Pense e escreva um título para o seu novo objeto.

Dica

Se você não encontrar os objetos que gostaria, não tem problema! Também é possível simplesmente imaginar essas novas formas, funções e possibilidades e desenhar tudo o que pensou. Esses desenhos podem se parecer com um projeto – ou ainda uma etapa de um futuro processo de criação.

Vamos juntos

Identificar
desigualdades

Promover
mudanças



Em atividade desde 2004, a **Frente 3 de Fevereiro** é um grupo transdisciplinar de pesquisa e ação direta dedicado a combater o racismo na sociedade brasileira. Em suas práticas, trabalha com artes visuais, teatro, poesia, audiovisual, aulas, debates e uma infinidade de formas expressivas que buscam investigar o racismo no país a partir de **múltiplas abordagens**.

O nome do grupo se refere à data em que um jovem dentista negro, Flávio Ferreira Sant'Ana, então com 28 anos de idade, foi morto por policiais militares na Zona Norte da capital paulista, após ser confundido com um ladrão.

As ações do coletivo são realizadas a partir de parcerias com torcidas organizadas, coletivos artísticos, intelectuais, militantes, atores e atrizes, estudantes, sacerdotes de diferentes linhas espirituais, ONGs, movimentos sociais, institutos culturais nacionais e internacionais, editais públicos, artistas plásticos, músicos, MCs e poetas.

ter • ri

tó •

Antes de existir um território, existe um espaço. O território surge quando esse espaço é ocupado por alguém que acredita na possibilidade de tocá-lo e transformá-lo. Alguém que projeta sobre aquele espaço os seus desejos, inquietações, percepções do presente e sonhos para o futuro. A partir dessas ocupações, diferentes grupos de pessoas podem encontrar algo em comum, com o que se identificam. Dessa forma, um território é um espelho mais ou menos nítido do que é uma comunidade. E os indivíduos que fazem parte dessa comunidade também espelham o território, sendo capazes de levá-lo para onde forem.

ri • 0



'Sem título', 2010

Impressão fotográfica sobre papel de algodão, 90x67,5cm

Em um de seus trabalhos performáticos, Nazareth percorreu a pé – e com os pés descalços – distintos territórios, desde o Brasil até os Estados Unidos. Na imagem, o artista retrata a si mesmo ao lado de um barco, segurando um casco de tartaruga que tampa o seu rosto. Apesar dos elementos aquáticos, a paisagem é árida e inabitada, com algumas construções ao fundo. Ao longo de sua travessia, o artista buscou relacionar seu corpo-território estrangeiro a outros lugares, desafiando fronteiras visíveis e invisíveis.

**Paulo Nazareth
(1977)**

@p.nazarethdicoesltda

Nascido em Governador Valadares (MG), traz em seu nome artístico uma referência ao sobrenome da avó, indígena da tribo Krenak. Em seu corpo, também estão as marcas de sua ascendência africana, que leva consigo em uma série de performances nas quais atravessa as Américas usando os próprios pés.

Muitas vezes, suas obras correspondem aos vestígios dessas caminhadas, conectando-se com suas origens e também ao que é diferente. Em alguns de seus trabalhos, se auto-intitula 'homem exótico': um ser em constante deslocamento, que imprime em seu corpo as marcas da viagem e inscreve no mundo a sua presença mestiça.

Como *identificamos* *um território?*

Introdução

Quando imaginamos um território, pensamos também em suas demarcações, limites e fronteiras, geralmente organizadas por relações de poder. Um território, ademais de ser representado por mapas e plantas, possui modos e hábitos de vida que nos ajudam a identificá-lo e percebê-lo, muitas vezes com limites que não estão visíveis aos olhos. Seguindo os passos abaixo, experimente mapear o território da sua escola.

01

Desenhe um mapa indicando a localização da sua escola no bairro, bem como seus limites físicos. Até onde vai a escola? Seus muros fazem fronteira com o quê? A vizinhança, a fábrica, a padaria, a pracinha?

02

Indique no mapa as pessoas que frequentam a escola. Como podemos identificá-las? Elas têm tarefas e responsabilidades diferentes? Quais seriam?

03

Crie uma forma de ilustrar como as crianças ocupam os espaços. O pátio é igualmente ocupado por todas? É possível identificar algum espaço mais frequentado por determinado grupo? Existe alguma disputa entre grupos de crianças para ocupar um mesmo espaço? Marque no mapa se houver.

04

Imagine e registre até onde vai a escola para fora dos seus limites físicos. Os hábitos e modos de vida da escola são capazes de atravessar os muros? A escola consegue chegar até a sua casa de alguma maneira? Que outras travessias ela é capaz de fazer?

Dica

Compartilhe seu mapa com os colegas da escola e troquem impressões sobre os espaços.

Vamos juntos

*Celebrar
memórias*

*Percorrer
espaços*



Toda comunidade pode preservar sua memória e seu patrimônio cultural, mas nem todas têm acesso a esse direito – e esse é o caso de muitas comunidades historicamente marginalizadas, como as indígenas e pretas.

Situado no Morro do Papagaio, em Belo Horizonte (MG), o Museu de Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu) é um espaço comunitário que nasceu com a vocação de reivindicar o direito à memória.

Criado no dia da Consciência Negra, 20 de novembro de 2012, o museu abre espaço para que sejam narradas as histórias dos moradores de vilas, favelas e quilombos urbanos, além de outras memórias ainda silenciadas de Belo Horizonte.

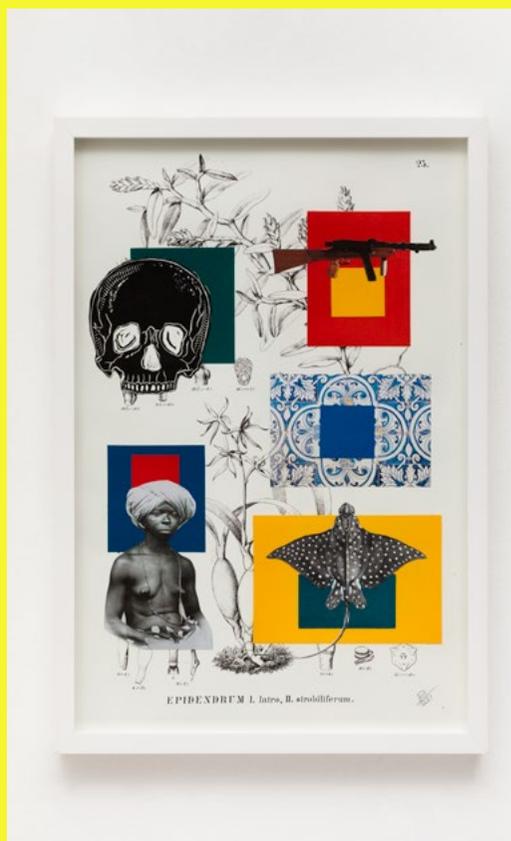
O **Muquifu** também é um poderoso local de encontro, onde a comunidade compartilha suas produções culturais e subjetividades e se organiza para debates sobre pautas e lutas cotidianas.

an • ces

tra •

Ancestrais são os nossos antepassados ou antecessores: as pessoas de quem descendemos mesmo sem tê-las conhecido, construindo nossa origem familiar mais antiga. A ancestralidade nos mostra o que carregamos de gerações anteriores – nossa hereditariedade.

li • da • de



**'A geometria à brasileira
chega ao paraíso tropical' , 2021**

Impressão digital, colagem e monotipia
sobre papel, 33x48,5cm

Nesta colagem, vemos pessoas negras e indígenas, além de figuras da fauna e da flora brasileiras. Cobertas parcialmente por quadrados e retângulos típicos à arte abstrata, as figuras escapam e não se encaixam às formas, remetendo ao modo enviesado como a sociedade brasileira era catalogada por artistas europeus no século XIX. Em seu trabalho, a artista questiona as representações coloniais e investiga a própria história, trazendo ao debate sua ancestralidade de mulher negra. “Essa é uma crítica à forma como muitos movimentos artísticos, políticos e culturais são pensados por determinados grupos da sociedade e colocados como válidos para todo o país. Quem fica de fora?”, indaga a artista.

Rosana Paulino
(1967)

www.rosanapaulino.com.br

Nascida na cidade de São Paulo (SP), é uma artista de múltiplas linguagens, além de pesquisadora e professora. Sua produção é intimamente ligada a questões sociais, étnicas e de gênero.

O foco principal de sua arte é a posição da mulher negra na sociedade brasileira, considerando os diversos tipos de violência sofridos pela população afrodescendente em decorrência do racismo e das marcas da escravidão colonial. Sua **obra** costura passado e presente, resgatando a ancestralidade e as memórias sociais e históricas da diáspora africana.

O que sabemos sobre os que vieram antes de nós?

Introdução

Você já imaginou ter seus antepassados retratados nas mídias e na arte? Como essas representações poderiam ser interpretadas por diferentes grupos?

01

Escolha uma figura feminina de sua família que seja muito mais velha do que você e pesquise sobre ela. Pode ser sua avó, sua bisavó, uma tia ou outra mulher dentre suas antepassadas.

02

Como um(a) historiador(a), faça a si mesmo e a outras pessoas algumas perguntas sobre essa mulher. Como ela era quando tinha sua idade? Como foi sua infância? Quais eram seus sonhos? Quais foram suas maiores dificuldades? Que ensinamentos ela deixou para sua família? Que histórias dela se perderam? Como ela é – ou foi – vista pela sociedade?

03

Depois dessa pesquisa, procure perceber que traços você carrega dessa história ainda hoje! Você descobriu algo diferente a seu respeito? Como você poderia contar essa história? Faça isso por meio de uma narrativa visual, uma composição ou um pequeno vídeo usando depoimentos, imagens (documentos e fotografias), elementos visuais e sonoros que apresentem e representem o que você descobriu.

Dica

Você pode fazer essa atividade junto com um(a) amigo(a). Experimentem trocar suas histórias e narrar visualmente a história do(a) outro(a). Depois reflitam juntos: o que muda quando outra pessoa narra a minha história?

Vamos juntos

*Visitar
museus*

*Ocupar
espaços
públicos*



Desde 2015, os artistas Peter de Brito e Moisés Patrício articulam a performance coletiva **Presença Negra**, que propõe que homens e mulheres negros ocupem, coletivamente, espaços como galerias e museus de arte.

Ao mesmo tempo política, poética e estética, a ação é aberta à participação de artistas e intelectuais negros e tem como objetivo refletir sobre o corpo negro e suas potencialidades expressivas nos espaços de compartilhamento cultural.

Na abertura de uma recente exposição de Rosana Paulino na Pinacoteca de São Paulo, o coletivo esteve presente.

p o . e

S i .

d

Geralmente associamos poesias com versos e rimas, mas a composição de um poema também pode ser feita em versos livres, juntando harmoniosamente palavras, ritmos e imagens. Um poema também pode se transformar em poesia visual quando, em composição com o sentido das palavras, a sua grafia, os vãos entre as letras, os espaços tipográficos e a própria disposição dos elementos na página são voltados a incitar o nosso olhar.



'Me tade', 2003

Monotipia com tinta de carimbo em papel de gravura, 107x79cm

Modificando a estrutura tradicional das palavras, tanto em sua grafia como na disposição das letras, Arnaldo Antunes procura subverter ou intensificar seus significados. A palavra que intitula este poema visual, "metade", não está somente escrita, mas sim desenhada. A forma como ela é disposta no espaço – dividida em duas partes, mas não exatamente ao meio; ocupando o espaço, dividindo-o em duas metades – estabelece uma relação próxima e ao mesmo tempo não-óbvia entre a palavra, a imagem e o seu significado.

Arnaldo Antunes
(1960)

www.arnaldoantunes.com

Nascido em São Paulo (SP), aos 13 anos já rabiscava seus primeiros poemas, sempre acompanhados por desenhos. Por influência da poesia concreta brasileira, sua obra se desenvolve muito ligada à forma das palavras, em um processo que demonstra um verdadeiro encantamento com o desenho da escrita e as sensações que ela pode nos causar.

Artista multimídia, integrou por dez anos a banda de pop rock Titãs e no final de 1992 iniciou sua carreira solo como cantor. Publicou diversos livros, participou de mostras de artes plásticas e de poesia visual, e vem realizando performances e leituras de poemas no Brasil e no exterior.

Como a palavra pode ser tornar imagem?

Introdução

A poesia visual está diretamente relacionada ao tipo e ao tamanho das letras escolhidas, levando-se em conta o som que emitem e a sua disposição na página. Ao investigar essa linguagem, você pode fazer escolhas como desmembrar uma palavra, repetir suas letras, escrevê-las geometricamente, em letras de forma ou corridas, bem grandes ou muito pequenas. Como a grafia pode ser um desenho a partir das formas das letras?

01

Faça uma lista de três sentimentos que simbolizam, para você, o que é ser brasileiro hoje. Escolha aquele que se mostra mais forte neste momento e pense em uma palavra que poderia representá-lo. A partir dessa palavra, tente criar uma poesia visual! Para isso, você pode transformar essa palavra em imagem, pensando na forma como vai escrevê-la e nas sensações que essa forma pode causar.

02

Escolha o suporte de sua preferência para desenhá-la. Uma folha de papel? De que cor?

03

Escolha também os riscadores que vai usar. Canetas finas ou grossas? Lápis de cor ou grafite? Giz de cera ou pincel e tinta?

Dicas

Se preferir, você também pode recortar em revistas as letras – e outros elementos – que vai usar para compor sua poesia visual.

Vamos juntos

*Experimentar
linguagens*

*Organizar
publicações*



Trinta anos após a Semana da Arte Moderna, um grupo de poetas de São Paulo se juntou para inventar poesias experimentais. Faziam parte desse grupo os poetas Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Augusto de Campos e, posteriormente, Ronaldo Azeredo e José Lino Grünewald.

A tática do grupo foi a criação de uma revista, batizada de **Noigandres**, em homenagem a Arnaut Daniel, trovador francês do século XIII. Ao todo, foram publicados cinco volumes entre 1952 e 1962. Com a revista, iniciou-se o movimento da **Poesia Concreta** no Brasil.

i • den

ti •

A palavra identidade pode sugerir algo que ganhamos no momento em que nascemos, relacionado à nossa origem. No entanto, o sentido de identidade pode ser mais abrangente, superando a ideia de algo rígido e estático. É à medida que nos relacionamos com os múltiplos sistemas culturais que nos rodeiam, afinal, que nossas identidades são formadas e transformadas. Uma pessoa pode se identificar a partir de critérios de raça, gênero, classe social, etnia, grupos sociais, hábitos, costumes etc.

da • de



**'Atualizações Traumáticas de Debret',
2019/2021**
Colagem digital, 42x29,7cm

Nesta colagem digital, a artista faz uma releitura anticolonial de uma obra do álbum **'Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil'**, criado pelo desenhista e pintor francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848). Por meio de intervenções nas imagens, Gê Viana busca desconstruir o discurso colonial que traz corpos negros e indígenas como subalternizados e exotizados. Em sua obra, elementos arquitetônicos e dispositivos tecnológicos atuais reafirmam a existência indígena em meios urbanos e tempos contemporâneos. "Uso imagens que carregam traumas históricos do povo brasileiro, trazendo outras narrativas que trabalhem possibilidades mais felizes, pois sinto que nossa felicidade está em risco", conta a artista.

Gê Viana (1986)

Nascida em Santa Luzia, na zona rural do Maranhão, a artista desenvolve um trabalho iniciado a partir da construção de arquivos visuais e da manipulação dessas imagens, problematizando questões relacionadas à ancestralidade afro-indígena e à normatividade de gênero e da sexualidade humana.

A partir de fotografias, fotomontagens e ações como o lambe-lambe, realiza intervenções visuais em fachadas de casas de taipa e muros urbanos, aos quais acrescenta camadas relacionadas ao pixo e à presença de corpos e atitudes marginalizadas pela sociedade hegemônica.

O que compõe a sua identidade?

Introdução

Desde pequeno, cada um de nós começa a construir sua identidade, e nossa família é geralmente o primeiro grupo do qual fazemos parte. Ao longo de nossa vida, entretanto, formamos inúmeros outros grupos ao lado de pessoas com as quais nos identificamos para realizar atividades que compartilhamos. Identificar-se, nesse caso, é descobrir afinidades por meio de hábitos, costumes e práticas parecidas. Quando nos juntamos, também nos transformamos uns aos outros, criando novos hábitos e interesses.

01

Que características suas você percebe em outras pessoas da sua família? O formato do seu nariz? Um jeito meio distraído? O modo de andar? De quantos grupos você faz parte? Com quem você se identifica? Quais são seus hábitos culturais? Que lugares você frequenta?

02

A partir dessas questões, tente montar uma imagem que traga para perto elementos que caracterizam quem você é! Você pode fazer isso por meio de uma colagem analógica ou digital.

Dicas

E se essa fotomontagem fosse um autorretrato? Quantos elementos você usaria ou vestiria para representar tudo o que compõe sua identidade?

Vamos juntos

*Produzir
imagens*

*Ler as
cidades*



Assim como outros artistas e coletivos, Gê Viana leva alguns de seus trabalhos às ruas usando o **lambe-lambe**, técnica artesanal de impressão e afixação de folhetos e cartazes.

Tomando a cidade como suporte, a Arte Urbana é uma forma de expandir a visibilidade das obras de arte para espaços presentes no nosso dia a dia, tais como as ruas, os postes e os muros da cidade.

Ao receber esse tipo de intervenção, o espaço público pode ter a potência de impactar o nosso cotidiano, e as obras que dele se apropriam são geralmente carregadas de crítica e ironia.

Para além dos lambe-lambes, muitos artistas vinculados à Arte Urbana têm usado técnicas diversas como pôsteres, adesivos, estêncil, murais e outros tipos de ações. E muitos desses artistas se juntam em coletivos, adquirindo mais força criativa no diálogo com a cidade.

cos • mo

go •

No decorrer dos tempos, cada povo elabora suas próprias histórias e mitos para explicar a origem do mundo, usando imagens e signos que simbolizam e representam sua compreensão sobre a vida. A palavra cosmogonia se refere ao conjunto de narrativas míticas, religiosas ou científicas que tentam explicar a origem do universo e a manutenção da vida, carregadas por diferentes modos de ser e estar. Por outro lado, a mesma palavra também diz respeito ao conjunto de teorias – e seus respectivos autores – que ao longo da história tentaram explicar e argumentar cientificamente sobre a origem do universo como o conhecemos.

ni • da



'Pameri Yukesi', 2020
Acrílica sobre tela, 700x170cm



A cobra é um símbolo muito frequente nas culturas tradicionais brasileiras e aparece em diferentes expressões artísticas relacionadas a lendas e mitos. Nos mitos de origem dos povos das margens do rio Negro, como os Tukano, a cobra faz referência à viagem dos ancestrais na barriga da cobra-canoa: a cobra Pameri Yukese. Responsável por todas as transformações da vida, a **viagem cósmica da cobra-canoa** teria dado origem à Terra e às diversas etnias. Histórias como essas, que narram a origem da vida, são revisitadas cotidianamente pela tradição oral, somadas às suas cores, sonoridades, expressões corporais e rituais.

Daiara Tukano **(1982)**

www.daiaratukano.com

Nascida em São Paulo (SP), Daiara Hori, pertence ao clã Uremiri Hãusiro Parameri do povo Yepá Mahsã, mais conhecido como Tukano. Além de artista, é comunicadora independente, ativista dos direitos indígenas e pesquisadora em direitos humanos.

Seu trabalho artístico se fundamenta na pesquisa sobre as tradições e a espiritualidade de seu povo. Para tanto, Daiara se dedica a apreender visões que alcança em sonhos e estudos realizados junto a sua família, observando também as pinturas encontradas nos objetos tradicionais de sua cultura e nas tramas das cestarias, assim como em cerâmicas, bancos e pinturas corporais.

Quem somos?

De onde viemos?

Introdução

Quais histórias você conhece sobre a origem do mundo? Quais símbolos relacionados a essas histórias você consegue identificar?

01

Pesquise uma história sobre a criação do mundo, seja ela um mito popular ou uma narrativa científica.

02

Tente ilustrar essa história usando seus elementos mais significativos – podem ser imagens, formas, símbolos ou o que mais você quiser.

03

Experimente imaginar e traduzir para o papel as sensações, temperaturas, cores e formas que também compõem a narrativa.

Dica

Sinta-se livre para fazer uso de diversas linguagens e materiais.

Vamos juntos

*Conversar
sobre direitos*

*Organizar
debates*



A perspectiva indígena nos convida a pensar sobre corpos coletivos – e não somente sobre o sujeito imerso em si mesmo e alheio ao mundo ao seu redor.

Essa perspectiva não individualista, que prevê a colaboração entre comunidades intrinsecamente vinculadas à natureza, manteve os povos indígenas brasileiros em resistência desde a invasão europeia, em 1500.

Um dos principais representantes da luta indígena brasileira é **Ailton Krenak**, que junto a Álvaro Tukano, Marcos Terena e Raoni Metuktire, participou dos primeiros debates sobre a **Constituição de 1988**.

Elaborado a muitas mãos, esse documento inaugurou uma fase de maior visibilidade aos povos originários no Brasil, legitimando, por exemplo, o direito à demarcação de suas terras.



Centro Cultural Banco do Brasil

Rua Primeiro de Março, 66 – Centro CEP 20041-001 – Rio de Janeiro (RJ)

Informações (21) 3808-2070 | (21) 3808-2254

Nos termos da Portaria 3.083, de 25/09/2013, do Ministério da Justiça, informamos que o Alvará de funcionamento deste CCBB tem N° 489095, de 03/01/2003 sem vencimento.

ccb.com.br | ccbeducativo.com

[f/ccbb.rj](https://www.facebook.com/ccbb.rj) [@ccbb_rj](https://twitter.com/ccbb_rj) [@ccbbrj](https://www.instagram.com/ccbbrj)

L Livre para todos os públicos

Centro de Atendimento BB

4004 0001 ou 0800 729 0001

SAC

0800 729 0722

Deficiente Auditivo ou de Fala

0800 729 0088

Ouvidoria

0800 729 5678

Programa CCBB Educativo**Arte & Educação:****Coordenação Geral/Artística**

Francisca Caporali

Samantha Moreira

Coordenação de Programação

Mateus Mesquita

Coordenação Pedagógica, Acesso e**Participação**

Valquíria Prates

Coordenação de Comunicação

Sarah Matos

Coordenação de Design

Gabriel Figueiredo

Design

Marcio Gabrich

Assistente de Design

Artur Souza

Coordenação Editorial

Daniel Toledo

Produção Executiva

Alexandra Duarte

Assistente de Produção

Camila Santos

Assistente Financeiro

Gustavo Carvalho

Francescole Oliveira

Assistente de Departamento**Pessoal**

Eduardo Pereira

Estágio Administrativo

João Delgado

Coordenação Pedagógica

Cauê Donato (SP)

João Andrade (BH)

Pompea Tavares (RJ)

Tatiana Duarte (DF)

Educadores

Ana Luísa Nunes (SP)

Geancarlos Barbosa (RJ)

Giovanni Fernandes (SP)

Janine Magalhães (RJ)

Jéssica Cruz (BH)

Julya Primo (DF)

Lucas Sertifa (DF)

Milton Lira (BH)

Pedro Ton (BH)

Phelipe Rezende (RJ)

Tiago Cruz (DF)

Valéria Chagas (SP)

Assessoria Jurídica

Oliveira Lima S.I. Advocacia

Assessoria de Imprensa

A Dois Comunicação (RJ)

Agência Fervo (SP)

Conteúdo Comunicação (DF)

Doizum Comunicações (BH)

Convite à Brasilidade

Ana Helena Grimaldi

Daniel Toledo

João Paulo Andrade

Pompea Tavares



Realização

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

